

**“A Alma Imoral”**, de Clarice Niskier, há quatro anos em cena e vista por cerca de 110.000 espectadores, reestrea no **Teatro Augusta**, São Paulo, cidade em que já completou dois anos em cartaz ([www.almaimoral.com](http://www.almaimoral.com))

*“O momento perfeito chegou para Clarice Niskier – beleza de atriz - em A Alma Imoral.”* (Jefferson Del Rios, O Estado de São Paulo)

*“A Alma Imoral (...) é um daqueles mistérios abençoados pelos deuses do teatro de tempos em tempos”* (Dirceu Alves, Isto É Gente)

*“Boa reflexão de Clarice sobre seu judaísmo budista (...) É um trabalho cuidado, medido e interessante”.* (Barbara Heliodora, O Globo)

*“Delicado e sensível espetáculo teatral, no qual a qualidade do texto e a presença de Clarice Niskier são traduzidas em celebração cênica”* (Macksen Luiz, Jornal do Brasil)

*“Clarice dialoga intimamente com o público, torna tudo muito acessível e lógico e oferece um verdadeiro banquete à platéia. É teatro da melhor qualidade servido com generosidade.”* (Debora Ghivelder, Veja Rio)

**REESTREIA: dia 30 de abril (6ª f), às 21h30**

**LOCAL: TEATRO AUGUSTA** - Rua Augusta, 943 Tel: 11 3151-4141

**HORÁRIOS:** 6ª f às 21h30 / sábado às 21h / domingo às 19h **DURAÇÃO:** 80 min

**INGRESSOS:** R\$50,00 e R\$25,00 (meia entrada) **VENDAS PELO SITE** [www.ingressorapido.com.br](http://www.ingressorapido.com.br) ou pelo tel.4003-1212

**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA BILHETERIA:**

4ª e 5ª das 14h às 21h / 6ª das 14h às 21h30 / sábado das 15h às 21h / domingo das 15h às 19h

**CAPACIDADE:** 302 espectadores

**CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:** 18 anos

**TEMPORADA:** até 01 de agosto

Dando continuidade ao sucesso de crítica e público de **Clarice Niskier** e sua “A ALMA IMORAL”, já há mais de dois anos em cartaz em São Paulo, a peça segue temporada no **Teatro Augusta**, a partir de 30 de abril.

O texto da peça – que já ultrapassou a marca dos **110.000 espectadores** - é uma **adaptação de Clarice para o teatro, sobre livro homônimo do rabino Nilton Bonder**. A supervisão da montagem é de **Amir Haddad**. É a terceira incursão bem sucedida de Clarice na dramaturgia – são seus também os textos de “Mulheres de 40” (escrito sob a supervisão dramaturgica de Domingos Oliveira e com a colaboração das atrizes Priscila Rozenbaum, Dedina Bernardelli e Cacá Mourthé) e “Buda”, ambos dirigidos por Domingos Oliveira.

A peça fechou o ano de 2006, quando estreou, no Rio de Janeiro, com **três indicações ao Prêmio Eletrobrás de Teatro** (melhor atriz, melhor peça e melhor figurino) e chegou a 2007 com **duas indicações ao Prêmio Shell** (melhor atriz e melhor figurino), tendo **vencido na categoria de Melhor Atriz**. Foi ainda contemplada em 2007 pelos **Prêmios Caixa Cultural e Caravana Funarte de Circulação Nacional de Teatro**, e em 2008 pelo **Prêmio Qualidade Brasil de Melhor Atriz**.

Um encontro com Nilton Bonder em 2002, quando ganhou do rabino o livro “A Alma Imoral”, despertou em Clarice o desejo de transformar o texto em teatro – a adaptação do livro levou dois anos para ser concluída. Com humor fino e delicadeza, Clarice leva à cena reflexões sobre **o certo e o errado, a obediência e a desobediência, as fidelidades e as traições**.

O texto faz um paralelo entre **preservação/evolução e tradição/traição**: *“Não existe tradição sem traição assim como não existe traição sem tradição, duas palavras de escrita e fonética tão semelhantes em nossa língua quanto o são interligadas em seu significado mais profundo”.*

Segundo Bonder, a alma é transgressora por natureza e tem por destino “desobedecer”, romper limites - muitas vezes até mesmo para se preservar.

## A MONTAGEM

Sozinha no palco, Clarice Niskier está em contato direto com a platéia, sem fazer uso da chamada “quarta parede”. Para contar histórias e parábolas da tradição judaica, a atriz utiliza-se somente de uma cadeira e um grande **pano preto que, concebido pela figurinista Kika Lopes, transforma-se em oito diferentes vestes** – mantos, vestidos, burcas, véus. O espaço cênico concebido por **Luis Martins** é limpo e remete a um longo corredor em perspectiva.

Clarice optou por não trabalhar com uma direção teatral no sentido tradicional, mas com a supervisão de Amir Haddad, que já vem fazendo este trabalho com alguns atores. *“Super-visão pode significar uma visão maior ou superior, capaz de desvendar coisa que outros olhos mortais não conseguiriam ver. Assim como o super-homem (citado no espetáculo) com sua visão de raio x. Mas também pode significar uma sobre-visão, uma visão de cima, das coisas que estão acontecendo. Por exemplo: ‘A terra é azul’ disse Gagarin, sobrevoando o planeta. O que eu faço com a Clarice, bela atriz, mulher corajosa, procurando o seu lugar, é tentar dar a ela a visão de quem está de fora, e às vezes de cima, para melhor poder entendê-la e orientá-la na manutenção de sua órbita. Me dá mais prazer observar e ajudar um ator no divino exercício do seu ofício do que inventar efeitos de som e luz e algumas marcações e depois anunciar: ‘o diretor’. Sonho com um ator dono do seu próprio texto e dessa maneira, capaz de iluminar o texto de outrem pelo embate de suas idéias.”*, propõe Amir.

## A ORIGEM DA PEÇA

Clarice abre o espetáculo contando ao público a origem da peça, que nasceu do seu primeiro encontro com o rabino Nilton Bonder, num programa de televisão:

*“(…) No final da minha entrevista, então, a apresentadora me perguntou se eu tinha uma religião. Disse que era de descendência judaica, mas que o teatro tinha me aproximado do Budismo, então que eu era uma judia-budista. Veio o intervalo... Quando o programa voltou ao ar a apresentadora disse que tinha chegado um fax meio-assim-para-mim, mas que ela ia ler porque queria ouvir minha resposta. O fax dizia: - Minha filha, não existe judia budista. Ou você é bem judia ou você é bem budista. Assinado, Dona Léa... não lembro o sobrenome... Mas lembro que na hora não me pareceu budista...”*

A apresentadora do programa perguntou a Bonder o que achava do fax da telespectadora, e ele então trouxe nova luz à questão levantada por Clarice. Acolhendo o ponto de vista da atriz, o rabino afirmou que o budismo poderia inclusive ajudá-la a compreender melhor o judaísmo. E ao final do programa a presenteou com um exemplar do livro que lançava na ocasião, “A Alma Imoral”. Clarice logo leu o livro e nele encontrou “traduzidas em palavras as suas ideias, o que queria dizer e até então não sabia como”. Imediatamente começou a trabalhar na adaptação para teatro, fazendo leituras regulares para amigos, atores e público ao longo de dois anos, num processo acompanhado por Nilton Bonder, de quem sempre recebeu todo apoio e confiança.

## QUATRO ANOS EM CARTAZ

Em julho de 2010 “A Alma Imoral” completa **quatro anos ininterruptos em cena**. Estreou em 2006 numa pequena sala de 50 lugares no Espaço SESC / RJ, e de lá seguiu para o Teatro do Leblon lotando a sala de 400 lugares, inclusive chegando a ocupá-la **de segunda a domingo**. Foram quatorze meses em cartaz no Rio.

Durante a tournée nacional, **ocupou 29 salas com diferentes capacidades e perfis, obtendo sempre a mesma resposta calorosa do público**. Belém, Recife (Festival do Recife), Brasília, Belo Horizonte,

Divinópolis, Ouro Preto (Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana), Niterói, Angra dos Reis (Festival de Angra), Resende (Festival de Resende), Nova Iguaçu, Petrópolis (Festival de Inverno), Porto Alegre, Garça, Catanduva, São José dos Campos, Vitória (Festival de Vitória), Curitiba (Festival de Curitiba) e São Paulo.

*“No teatro é sempre a primeira vez. Quando me perguntam como é possível fazer uma peça tanto tempo sem se cansar eu respondo: assim como é possível amar tanto tempo a mesma pessoa sem se cansar. Nesse caso o tempo é muito subjetivo. Se a relação está viva, está viva. Dá trabalho, mas não cansa. Assim é na Alma Imoral. Eu amo esse trabalho, esse texto. Que vocês se sintam vivos diante de mim. Assim como tenho vontade de me sentir diante de vocês: viva.”*, afirma Clarice.

## **“A ALMA IMORAL” FORA DO BRASIL**

A adaptação de Clarice Niskier para “A Alma Imoral” já recebeu várias propostas de montagem no exterior. Teve seus direitos cedidos para a Espanha em 2007 e uma montagem foi autorizada na Argentina em 2009, onde está em cartaz atualmente no Teatro Payró, em San Martín, Buenos Aires.

## **FICHA TÉCNICA**

**Autor do livro “A Alma Imoral”:** Nilton Bonder

**Adaptação, concepção cênica e interpretação:** Clarice Niskier

**Supervisão:** Amir Haddad

**Cenário:** Luis Martins

**Figurino:** Kika Lopes

**Iluminação:** Aurélio de Simoni

**Música Original:** José Maria Braga

**Preparação Vocal:** Rose Gonçalves

**Direção de Movimento:** Márcia Feijó

**Preparação Corporal:** Mary Lima

**Visagismo:** Martin Macias Trujillo

**Programação Visual:** Carol Vasconcellos

**Fotos:** Dalton Valerio

**Cenotécnico:** Fernando Ostrovsky

**Operador de Luz:** Hiram Ravache

**Operador de Som:** Marcelo Viola

**Produção Executiva:** Andréia Alencar

**Direção de Produção:** José Maria Braga

**Patrocínio:** SATIPEL

**Co-patrocínio:** MATEC

**Apoio Cultural:** Livraria da Vila

**Promoção:** TV Globo

**Realização:** Niska Produções Culturais

**Assessoria de Imprensa:** JSPONTES Comunicação - João Pontes e Stella Stephany

## **CLARICE NISKIER**

Clarice Niskier estreou no Teatro do Tablado em 1981, na peça “Tambores na Noite”, de Bertold Brecht, sob a direção de Dina Moscovitch, no Rio de Janeiro. Em seguida, foi convidada a participar da peça “Porcos Com Asas”, de Mauro Rádice e Lidia Ravera, sob a direção de Mario Sérgio Medeiros, interpretando a sua primeira protagonista, em 1982, no Teatro Cacilda Becker.

Trabalhou na Companhia "Tem Folga na Direção", sob a direção de Antônio Pedro nas peças "Cabra Marcado Pra Correr", (Judas em Sábado de Aleluia), de Martins Pena, e "Tá Ruço no Açougue" (Santa Joana dos Matadouros), de Brecht. Ainda nos anos 80, trabalhou com o Grupo Pessoal do Despertar, no Parque Lage, atuando na peça "O Círculo de Giz Caucasiano", também de Brecht, sob a direção de Paulo Reis; trabalhou com a premiada diretora do Grupo Navegando, Lucia Coelho, em diversas peças infantis; com Bia Lessa, na peça "Os Possessos", de Dostoiévski, e com Amir Haddad, em "Faces, o Musical".

Nos anos 90 atuou na peça "Bonitinha, Mas Ordinária", de Nelson Rodrigues, sob a direção de Eduardo Wotzik e em seguida na peça "Confissões das Mulheres de Trinta", texto coletivo, sob a direção de Domingos Oliveira. Com estes dois diretores desenvolveu uma longa parceria. Com Eduardo Wotzik fez também "Yerma", de Federico Garcia Lorca, "Tróia", de Eurípedes, que lhe valeu as indicações para os Prêmios Shell e Mambembe de Melhor Atriz em 93. E, com Eduardo, fez também seu primeiro monólogo: "Um Ato Para Clarice", coletânea de textos de Clarice Lispector, além da peça "Equilíbrio Delicado", de Edward Albee. Com Domingos Oliveira, atuou na peça "Buda", de autoria da própria atriz, seu segundo monólogo. E nas peças "Confissões das Mulheres de Quarenta", texto idealizado e escrito pela atriz sob a orientação dramaturgica de Domingos Oliveira e colaboração das atrizes Priscilla Rozenbaum, Dedina Bernardelli e Cacá Mourthé; atuou ainda na peça "Isabel", de Aderbal Freire-Filho e nas peças "Amores" e "Primeira Valsa", ambas de autoria de Domingos Oliveira.

A partir do ano 2000 trabalhou nas seguintes peças: "A Memória da Água", de Shelagh Stephenson, sob a direção de Felipe Hirsh; "O Caso da Rua ao Lado", de Eugène Labiche, sob a direção de Alberto Renault; "Antônio e Cleópatra", de Shakespeare, sob a direção de Paulo José; "Tudo Sobre Mulheres", de Miro Gavran, sob a direção de Ticianá Studart, que lhe rendeu a sua segunda indicação para o Prêmio Shell de Melhor Atriz, em 2006; e na peça "A Alma Imoral", sua adaptação do livro "A Alma Imoral", de Nilton Bonder, sob a supervisão de Amir Haddad. "A Alma Imoral" recebeu indicação para vários prêmios, entre eles os Prêmios Eletrobrás de Melhor Espetáculo, Melhor Atriz e Melhor Figurino. E lhe rendeu sua terceira indicação para o Prêmio Shell de Melhor Atriz, sendo a ganhadora deste prêmio em 2007. Clarice ganhou também o Prêmio Qualidade Brasil de Melhor Atriz - Drama SP em 2008, por sua atuação em "A Alma Imoral", que continua em cartaz em SP, comemorando em março de 2010 dois anos de sucesso na capital paulista e quatro anos de sucesso desde sua estréia no Rio de Janeiro, em 2006.

Clarice Niskier fez ainda em 2009 a peça "Maria Stuart", no CCBB de Brasília e do Rio de Janeiro, sob a direção de Antonio Gilberto. Enquanto atuava em São Paulo em seu premiado monólogo "A Alma Imoral", representava a Rainha Elizabeth, texto de Schiller, ao lado de Julia Lemmertz. Clarice tem ainda em seu currículo várias participações em programas de televisão, sua última novela foi "Ciranda de Pedra", de Alcides Nogueira, na Rede Globo, sob a direção de Denise Saraceni, em 2009. E também participou de vários filmes, entre eles, "Amores" e "Feminices", de Domingos Oliveira. Clarice Niskier ministra também cursos de Teatro, tendo em seu currículo aulas para os empresários da IBM ( RJ e SP) e IBGE (RJ).

Foi professora titular do Curso de Formação de Atores da Faculdade da Cidade, tendo sido escolhida, durante o período em que trabalhou lá, para dirigir a peça de formatura dos alunos. Em publicidade, Clarice realizou a bem sucedida campanha "Dinorah da TVA", campanha publicitária de grande sucesso nos anos 90, que permaneceu dois anos no ar em todos os canais de televisão no Rio e em SP.